



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM**  
**EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**ALINE GRACIELLE BORGES FEITOSA ALVES**

**LETRAMENTO DIGITAL NAS ESCOLAS DO CAMPO**

**JOÃO PESSOA – PB**

**2021**

**ALINE GRACIELLE BORGES FEITOSA ALVES**

**LETRAMENTO DIGITAL NAS ESCOLAS DO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia - Área de Aprofundamento em Educação do Campo, do Centro de Educação – CE, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia – Educação do Campo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Valentim Afonso.

**JOÃO PESSOA – PB**

**2021**

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e Classificação da Biblioteca da  
UFPB.

A4741 Alves, Aline Gracielle Borges Feitosa.  
Letramento digital nas escolas do campo / Aline  
Gracielle Borges Feitosa Alves. - João Pessoa, 2021.  
44 f.

Orientação: Maria Aparecida Valentim Afonso.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia  
com aprofundamento em Educação do Campo) - UFPB/CE.

1. Letramento digital. 2. Escolas do campo. 3.  
Professoras. 4. Ensino fundamental. I. Afonso, Maria  
Aparecida Valentim. II. Título.

UFPB/BS/CE

CDU 376.7(043.2)


**ALINE GRACIELLE BORGES FEITOSA ALVES**

**LETRAMENTO DIGITAL NAS ESCOLAS DO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia – Área de Aprofundamento em Educação do Campo, do Centro de Educação – CE, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia – Educação do Campo.

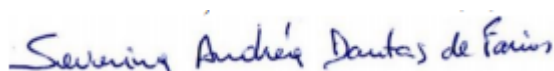
Data de aprovação: 22/07/2021.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof<sup>a</sup>. Dra. M<sup>a</sup> Aparecida Valentim Afonso – Orientadora  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB



---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Severina Andréa Dantas de Farias – Examinadora  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB



---

Prof. Ms. Ricardo de Carvalho Costa – Examinador  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

JOÃO PESSOA - PB

2021

*Dedico este trabalho a Deus, pela força nessa caminhada. A meu esposo, por toda compreensão e apoio necessário para que eu chegasse até aqui.*

*“Cada vez que a tecnologia avança o ser humano deve avançar na sua humanização, para que seja mais humano.”*

***Ronald Parada***

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por essa grande conquista em minha vida, por me fortalecer sempre para que eu não desistisse.

Agradeço a todos nesse longo processo de formação; aos amigos que sempre me apoiaram com uma palavra de incentivo.

A minha família, meu norte, que me ajudou a vencer as etapas e que de forma única me deram força frente à cada desafio.

Ao meu esposo que, mesmo cansado me acompanhava e aguardava acabar a aula para que eu chegasse em casa com segurança. Seu apoio foi fundamental para chegar até aqui.

Um agradecimento mais que especial à minha tia que, desde eu criança, me incentivou a estudar, a persistir no Enem e entrar na vida acadêmica. Jamais esquecerei dos seus incentivos.

Agradeço a minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Valentim Afonso, que mesmo envolvida em outros projetos foi extremamente atenciosa, paciente e me ajudou muito nesse processo. Obrigada!

Agradeço aos membros da banca examinadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Severina Andréa Dantas de Farias e ao Prof. Ricardo de Carvalho Costa, pelo interesse e disponibilidade.

E por fim, aos mestres pelos conhecimentos compartilhados durante o curso, que me ensinaram a refletir e sonhar. Agradeço a todos por fazerem parte dessa etapa da minha vida; sonho realizado.

## RESUMO

O uso das tecnologias digitais e dos sistemas de informação permeiam as relações sociais. Por isso, o letramento digital é a premissa atual para a inserção do cidadão, alunos e alunas das escolas públicas nas práticas sociais de leitura e escrita. Neste sentido, o presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral identificar a concepção do letramento digital nas escolas do campo. Para alcançar esse objetivo, partimos das seguintes questões: como as professoras desenvolvem o letramento nas escolas do campo e o compreendem? Como se dão as práticas de letramento digital, bem como o apoio ao processo de aprendizagem dos alunos? Quais são as maiores dificuldades enfrentadas na realização do letramento digital? O nosso principal interesse em trabalhar essa temática foi o desejo de aprofundar o conhecimento sobre letramento digital nas escolas do campo. A metodologia desta pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa off-line do tipo longitudinal, através do instrumento entrevista, realizada com 3 professoras que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em duas escolas da rede pública municipal, uma localizada no município Serra da Raiz e a outra em Jacumã, distrito do município do Conde. Para tanto, apoiamo-nos nas orientações de Gil (1999), Laville & Dionne (1999) e Triviños (2008). A fundamentação teórica baseou-se nos estudos de pesquisadores/as que discutem temáticas que estão no foco desta pesquisa, como: Caldart (2004 e 2009), Brandão (2003), Kleiman (1998, 2005), Soares (2003, 2005, 2015, 2016), Rojo (1998), Araújo & Glotz (2009), Freitas (2003) e Silva (2005) dentre outros. As professoras revelaram a precariedade e dificuldade de acesso às redes para os discentes nas escolas do campo, como também, da estrutura das escolas para realizar o letramento digital. Em relação às concepções de letramento e de letramento digital, pudemos observar que as professoras compreendem de forma redutora e limitada esses conceitos, associando-os ao processo de aquisição do Sistema de Escrita Alfabético, a alfabetização. Após as discussões e análises chegamos às considerações finais, a partir da ideia de que para realizar o letramento digital é preciso que o próprio professor seja digitalmente letrado, o que demanda um processo de formação continuada, fomentada por políticas públicas que favoreçam o letramento digital nas escolas do campo, por meio da disponibilização de redes de internet e de ferramentas tecnológicas adequadas para o ensino remoto e/ou presencial.

**Palavras-chave:** Letramento digital. Escolas do campo. Professoras. Ensino Fundamental.



## ABSTRACT

The use of digital technologies and information systems permeate the social relations. That is why, the digital literacy is the current premise for the inclusion of citizens and public school students in the social practices of reading and writing. In that regard, this Course Conclusion Paper (TCC) aims to know the concept of digital literacy of teachers in rural schools. To achieve this goal some questions were raised: how do teachers develop the literacy in the rural schools and comprehend it? How do digital literacy practices work, as well as support for the students learning process? What are the biggest difficulties faced in achieving digital literacy? Our main interest in working on this theme is justified by the need to know and go deeper into the issue of digital literacy in the rural schools. The methodology of this research was carried out from an offline qualitative approach of the longitudinal type through the interview instrument, carried out with 3 teachers who work in the early years of elementary school, in two public municipal schools, one located in the Serra da Raiz municipality, and the other in Jacumã, a district of the municipality of Conde. Our methodological paths were the qualitative research carried through a field research, and the interview instrument, which were guided by studies by Gil (1999), Laville & Dionne (1999) and Triviños (2008). The theoretical foundation was based on studies by researchers who discuss themes that are in the focus of this research, such as: Caldart (2004 and 2009), Brandão (2003), Kleiman (1998, 2005). Soares (2003, 2005, 2015, 2016), Rojo (1998), Araújo & Glotz (2009), Freitas (2003) and Silva (2005). After the discussions and analysis of the data, we present the final considerations, based on the idea that to carry out digital literacy it is necessary for the teacher to be digitally literate, which requires a process of continuing education and the promotion of public policies that favor the digital literacy in rural schools, through the availability of internet networks and appropriate technological tools for remote and/or on-site teaching. The teachers revealed the precariousness and difficulty of access to networks for students in rural schools, and the precariousness of the structure of schools to carry out digital literacy. In relation to the concepts of literacy and digital literacy, we could observe that the teachers understand these concepts in a reductive and limited way, associating them with the acquisition process of the Alphabetical Writing System, literacy.

**Keywords:** Digital Literacy. Rural Schools. Teachers. Elementary School.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Equipamentos eletrônicos .....	28
QUADRO 2 – Dados das colaboradoras .....	30

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 ESCOLAS DO CAMPO E LETRAMENTO DIGITAL: POLÍTICAS E FORMAÇÃO DE PROFESSOR.....</b>	<b>15</b>
2.1 EDUCAÇÃO DO CAMPO: HISTÓRIA E CONTEXTOS .....	16
2.2 LETRAMENTO, LETRAMENTO DIGITAL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS .....	19
2.3 PRÁTICAS DE LETRAMENTO DIGITAL .....	22
2.4 LETRAMENTO DIGITAL E ENSINO NAS ESCOLAS DO CAMPO .....	24
<b>3 CAMINHOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>26</b>
3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA .....	26
3.2 TIPO E INSTRUMENTOS DA PESQUISA .....	26
3.3 CAMPO DA PESQUISA .....	28
3.4 SUJEITOS DA PESQUISA .....	29
<b>4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA .....</b>	<b>31</b>
4.1 ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS DAS ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS .....	31
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No momento histórico, de pandemia da Covid-19, em que nos encontramos, o uso das tecnologias digitais e dos sistemas de informação permeiam as relações sociais. O letramento digital é a premissa para a inserção do cidadão nas práticas sociais.

As grandes inovações tecnológicas ocorridas nas últimas décadas resultaram na inclusão dos computadores nas escolas, modificando o cenário escolar e trazendo desafios para os professores que se veem diante de novas situações pedagógicas geradas pelo acesso à informação e a participação ativa do aluno no processo de ensino aprendizagem que vem se tornando, cada vez mais, algo dificultoso; faltando boa vontade e o querer aprender por parte deles.

O interesse pelo tema partiu de um projeto de extensão em que participamos, despertando, assim, a necessidade de nos aprofundarmos acerca da temática e conhecermos mais sobre a questão do letramento digital.

Temos como objetivo geral identificar a concepção do letramento digital nas escolas do campo e nas perspectivas dos professores; como eles desenvolvem o trabalho nas escolas do campo e o compreendem; como se dão as práticas de letramento digital, bem como o apoio ao processo de aprendizagem dos alunos. Para alcançarmos o objetivo geral, elaboramos os objetivos específicos que são: explicitar as práticas de letramento digital dos professores, perceber as concepções de letramento digital e conhecer as dificuldades relacionadas ao letramento digital nas escolas do campo. Sendo assim, temos por letramento digital o que diz respeito às práticas sociais de leitura e produção de textos dentro de ambientes digitais, ou seja, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo uso de computadores ou por dispositivos móveis tais como: celulares, tablets e Iphone, em plataformas como e-mails, redes sociais na web, entre outras.

Nesse novo cenário que se descortina, o papel do professor, mais uma vez, se mostra fundamental para estimular os alunos à busca pelo letramento digital e as diversas novas maneiras que estamos sendo expostos no decorrer dos anos e no fluir dos novos séculos. Com isso, o professor tem o perfil de orientá-los a utilizar o computador e, conseqüentemente, a internet, de maneira segura, crítica e autônoma, dentro ou fora da escola. Para isso, é preciso que o próprio professor seja digitalmente letrado; o que demanda um processo de formação continuada.

A escola, como instituição social responsável pela formação dos indivíduos - especialmente pelo ensino da linguagem escrita - e conseqüentemente, do letramento dos seus

alunos, também deve responsabilizar-se pela formação digital de seus educandos, preparando-os para a interação com a cultura digital, para que assim eles venham a familiarizar-se com os meios tecnológicos tendo o professor como “a ponte” que os indicará ao conhecimento tecnológico.

A educação nesta modalidade é um grande desafio, tanto para os alunos como - ainda mais - para o professor que deverá desdobrar-se para conseguir dar conta de todo conteúdo pertencente as mais diversas séries que possam existir dentro de uma única classe. Sendo assim, deverá preparar-se melhor para os desafios que serão enfrentados no dia a dia, principalmente nos tempos atuais, que além dos desafios que são propostos temos a pandemia como mais um empecilho. É necessário reinventar-se.

Outro fator predominante e desafiador é a questão da alfabetização dos familiares dessas crianças, os quais, muitas vezes, não tiveram acesso à escola. Consequentemente, o nível escolar dessas famílias é baixo, beirando o analfabetismo, pois tiveram que largar a escola para trabalhar no campo e assim sustentarem suas famílias em meio à labuta rural que, por sinal, é algo desgastante e que exige um preparo daqueles que estão trabalhando o cultivo de terras e plantações. Sendo assim, por vezes, os mesmos não têm paciência de manter seus filhos dentro das escolas e acham que eles merecem o mesmo caminho. Contudo, precisamos desconstruir esse pensamento, informando a importância da escola e do letramento digital em dias tão difíceis que estamos vivendo, pois caso contrário teremos mais um retrocesso na vida de cada aprendiz.

Abordaremos como a educação do campo surgiu, quais as expectativas e as respostas dadas às demandas existentes em meio aos desafios que essa modalidade exige, qual a proposta de ensino do campo e como a cultura está diretamente ligada ao modo de aprendizagem e aos costumes do dia a dia, em se tratando de pessoas que tiveram e consideram o contato com o campo acima de todos os princípios daqueles que moram no meio urbano. Sendo assim, há a necessidade de compreendermos como lidar com essas questões que, por vezes, são motivos de evasão escolar. Contudo, a educação é um “motor” que precisa ser manuseado e feito manutenção a cada nova quilometragem andada. É isso que iremos fazer durante esse percurso; nos reinventarmos para que tenhamos uma boa educação dentro das regras e das leis e assim alfabetizarmos nossas crianças, jovens e adultos da melhor maneira possível, mostrando uma gama de possibilidades através da internet e dos diversos recursos que podemos ter para melhor aprendermos.

A pesquisa foi realizada por meio da metodologia de pesquisa qualitativa. Tem caráter exploratório e seu foco está na subjetividade do objeto analisado, ou seja, através das

entrevistas com as professoras a concepção de letramento digital e os desafios enfrentados na prática pedagógica para esse fim. A aplicabilidade de tal metodologia nos permitiu compreender o comportamento do público-alvo, estudando as suas particularidades e experiências individuais, entre outros aspectos. Sendo assim, usaremos como referências autores como Leite (1999), Kleiman (1995) e Soares (2019), os quais conceituam e atuam no âmbito do letramento digital, na educação do campo e neste tema de forma geral, para nortear e melhor fundamentar nossa pesquisa.

O trabalho está dividido em seções, contidas nos pressupostos teóricos, abordando desde a questão da educação do campo até as práticas de letramento digital, perpassando pelas concepções, ensino e aprendizagem. Para o caminho metodológico da pesquisa optamos por uma abordagem de natureza qualitativa, do tipo pesquisa de campo. O instrumento utilizado foi a entrevista aos sujeitos da pesquisa, que foram as professoras atuantes nas escolas de campo, submetidos a entrevistas e cruzamento de dados, após a coleta do material.

Assim, chegamos a concepção final do ideal proposto por essa pesquisa que é qualitativa e busca atender as necessidades apresentadas tanto pelos alunos quanto pelos professores, para que então possamos contribuir com o processo de ensino aprendizagem e assim formarmos cidadãos preparados para o futuro.

## **2 ESCOLA DO CAMPO E LETRAMENTO DIGITAL: POLÍTICAS E FORMAÇÃO DE PROFESSOR**

Neste capítulo serão apresentados embasamentos teóricos concernentes ao letramento, sobretudo, digital nas escolas. Dessa forma, é importante mostrarmos uma breve explanação acerca do fazer educativo e pedagógico, projetados sob dimensões sociais, políticas, históricas, filosóficas e psicológicas, que encaminham o nosso entendimento e posicionamento acerca do letramento digital nas escolas do campo.

Discutiremos a concepção e a história da educação do campo, como surgiu e os objetivos que ela propõe àqueles que moram na zona rural e que também precisam estudar e ter uma boa educação. Sendo assim, no decorrer desse capítulo serão explanadas as diversas questões relacionadas à educação do campo; desde sua concepção até as dificuldades enfrentadas por professores que aceitam o desafio.

Antes de mais nada, porém, é preciso ressaltar que esta modalidade de ensino ocorre em espaços que são denominados de rurais. Nestes espaços é necessário considerar a diversidade apresentada, pois a forma com a qual devemos conduzir a educação no local deverá contemplar todo o currículo de modo a ser adaptado para cada tipo de ensino. Segundo Caldart (2009, p. 36-37):

A natureza da educação do campo e seu destino estão profundamente ligados ao destino do trabalho no campo e, conseqüentemente, ao destino das lutas sociais dos trabalhadores e da solução dos embates de projetos que constituem a dinâmica atual do campo brasileiro, da sociedade brasileira, do mundo sob a égide do capitalismo em que vivemos.

A educação do campo tem como objetivo a inclusão daqueles que porventura não podem ou não desejam se deslocar do campo para a cidade, ou seja, para os espaços urbanos e, em razão dessa escolha, estes deverão ter assegurado seu direito, de permanecer no campo, garantido pela Constituição Federal de 1988. Essa mesma Constituição também preconiza o direito à educação como uma das bases fundamentais para o desenvolvimento da criança, do adolescente e até mesmo do adulto, para que possam ter dignidade e acesso à escola. Por isso, os professores que atuam neste tipo de ensino têm como objetivo aprimorar seus conhecimentos bem como vencer os obstáculos que encontram durante o percurso. De acordo com Caldart (2004, p. 153)

no campo, há diferentes sujeitos: são pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas, pescadores, camponeses, assentados, ribeirinhos, povos da floresta, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados, caboclos, meeiros, assalariados rurais e outros grupos mais.

A educação do campo deverá ser a mesma que se baseia nas práticas pedagógicas e que esteja de acordo com a realidade do público-alvo que deverá ser atingido; neste caso, os camponeses; e assim, em comum acordo com a população contida neste âmbito, levar em conta os costumes e cultura do local para que então se faça um trabalho efetivo e de boa qualidade dentro do que diz respeito às leis da Base Nacional Comum Curricular e as formas pedagógicas adotadas pela escola.

Dessa forma, alcançaremos o que é proposto para o ensino daqueles que moram no campo, que são cidadãos dotados de direitos e merecem um tratamento igual aos que vivem em zona urbana, lembrando que os direitos são iguais a todos os cidadãos brasileiros e estrangeiros que residam no nosso país.

## **2.1 Educação do campo: história e contextos**

A educação no campo surgiu como uma expectativa às respostas das demandas apresentadas no campo. Tem como proposta de ensino algo que esteja enraizado na cultura exposta pelo local, tempo e ritmos daqueles que moram no campo para que assim tenhamos uma sociedade mais justa e que possa ser construída em meio à diversidade que a ela se configura, sendo assim essa parcela da população, constituída por cidadãos e cidadãs como todos os outros, tem direito a voz e respeito. Contudo, se faz necessário compreender o contexto social, econômico e cultural do campo na qual a escola está ou estará inserida para que assim seja desenvolvido um trabalho conforme norteia a BNCC – Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) e a LDBEN – 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) Vejamos o que diz Soares a esse respeito:

[...] Um “novo” método é proposto, em seguida é criticado e negado, substituído por um outro “novo” que qualifica o anterior como “tradicional”; este outro “novo” é por sua vez negado e substituído por mais um “novo” que, algumas vezes, é apenas o retorno de um método que se tornara “tradicional” e renasce como “novo”, e assim sucessivamente (SOARES, 2016, p. 17).



A maioria das pessoas que moram no campo estão desprovidas de uma boa educação - encontrada geralmente nos centros urbanos - não por conta do financeiro que pode também ser uma desvantagem, mas sim, pela localidade e, muitas das vezes, pelo difícil acesso à zona rural, em razão das péssimas e desfavoráveis condições das estradas, do deslocamento dos indivíduos até as escolas bem como as condições de ensino. Consequentemente há a necessidade de se criar salas multisseriadas, que nada mais é do que um único professor para organizar uma metodologia de ensino que exigirá o trabalho com várias séries do ensino fundamental em uma mesma classe/sala, tendo que desenvolver tarefas para os diversos anos contidos dentro da localidade em que está inserido, atendendo todos os níveis de conhecimentos e idades diferentes. Sendo assim, mesmo em meio a tantas dificuldades, a educação no campo se mostra de grande valor e importância.

A educação nesta modalidade é um grande desafio, tanto para os alunos quanto para o professor que deverá desdobrar-se para conseguir dar conta de todo conteúdo pertencente as mais diversas séries que possam existir dentro de uma única classe. Outro fator predominante é a questão da alfabetização dos familiares dessas crianças, os quais, muitas das vezes, não tiveram acesso à escola. Consequentemente, o nível escolar dessas famílias encontra-se entre o analfabetismo e alfabetismo funcional, pois tiveram que abandonar a escola para se dedicarem ao trabalho no campo e assim sustentarem suas famílias em meio à labuta rural que, por sinal, é algo desgastante e que exige muito daqueles que estão trabalhando o cultivo de terras e plantações.

Dentro da educação do campo também temos o desafio de manter, dentro das escolas e estudando regularmente, aqueles que optam por essa modalidade de ensino, pois é apresentado um alto índice de evasão, ou seja, a impermanência desses alunos, o baixo comprometimento daqueles que estão matriculados nas escolas e tem a educação do campo em sua região, se dá pelo motivo de que existem poucas políticas públicas relacionadas a essa demanda. Por isso, precisamos fazer valer o nosso voto e cobrar daqueles em quem votamos para que existam políticas públicas que contemplem essa população, bem como é necessário um despertar dos próprios moradores dessas localidades para que juntos alcancemos os nossos objetivos.

Segundo Brandão (2003):

A tentativa de redução dos índices de evasão e repetência, sobretudo entre as camadas de alunos carentes, é sempre limitada quando realizada através da introdução de inovações simples de currículo e da aplicação de métodos, cuja eficácia, sem dúvida, é maior, quando em testes de laboratório. Uma das causas da distância entre os resultados experimentais e o trabalho escolar

com novos métodos está em que o professor, principalmente o professor que trabalha, ele próprio, em escolas carentes, não pode, ou não quer trabalhar com o método tal como ele foi pensado (BRANDÃO, 2003, p. 138).

Ainda nesse contexto de dificuldades do e no campo ressalta-se ainda que vários professores e alunos enfrentam diversas outras problemáticas, pois sofrem com falta de infraestrutura, alimentação, formação continuada, recursos e materiais didáticos. Nesse aspecto, a LDB – Lei das Diretrizes e Bases, ao falar sobre a educação no campo, diz que na oferta da educação básica à população rural, os sistemas de ensino promoverão todas as adaptações necessárias para garantir o acesso à essa modalidade e cada região tem sua adequação, respeitando a diversidade cultural e socioeconômica da educação brasileira visando sempre o bem estar da criança e procurando de maneira eficaz atender as demandas apresentadas pela educação do campo a fim de promover um educação de qualidade com vistas a garantir o futuro do nosso país.

Assim vemos as conquistas da educação do campo em meio às agendas políticas nas esferas municipal, estadual e até federal, como frutos dos movimentos sociais existentes em meio aos trabalhadores rurais, que vêm tendo uma abertura de mente e tomando novos lugares para fortalecer os vínculos rurais em meio às classes sociais em torno da educação, para que assim tenham algo sólido em suas vidas, pois a sociedade tem uma visão distorcida quanto àqueles que moram no campo e os desvalorizam e caracterizam como arcaicos e ultrapassados; enquanto a educação no campo valoriza o conhecimento social do camponês e o campo de trabalho como novas possibilidades de crescimento no campo de moradia, costumes e desenvolvimento sustentável, para que as famílias que se fazem presentes no campo tenham, acima de tudo, qualidade de vida e consigam dar sequência as suas práticas no local que escolheram para morar. De acordo com Ribeiro (2010):

A educação do campo defendida pelo Movimento Camponês traz implícitos: a) o vínculo entre a educação e a garantia da terra de trabalho; b) a superação da escola rural portadora de currículo, conteúdo e metodologia voltados à valorização do trabalho e da cultura urbanos; c) a identificação com o campo enquanto espaço político de disputas históricas dos agricultores familiares pela conquista da terra de trabalho e permanência nela; d) a relação entre o trabalho desenvolvido na agricultura, na pesca e na pecuária, associado ao currículo, ao conteúdo e ao método adotados pela escola do campo; e) o reconhecimento dos agricultores familiares como sujeitos de educação e produtores de alimentos, saberes, conhecimentos e culturas.

Faz-se necessário entender que a educação do campo ocorre nos espaços rurais constituídos e numa modalidade de ensino e o outro espaço na qual se dá essa educação, ou

seja, um difere do outro, mas se complementam. Caldart corrobora para o entendimento de que:

Os protagonistas do processo de criação da Educação do campo são os movimentos sociais camponeses em estado de luta, com destaque aos movimentos sociais de luta pela reforma agrária e particularmente ao MST. O vínculo de origem da Educação do campo é com os trabalhadores -pobres do campo, trabalhadores sem-terra, sem trabalho, mas primeiro com aqueles já dispostos a reagir, a lutar, a se organizar contra -o estado da coisa', para aos poucos buscar ampliar o olhar para o conjunto dos trabalhadores do campo (CALDART, 2009, p. 41).

Nesse contexto, temos a questão do letramento digital, isto é, a forma como iremos trabalhar dentro desses espaços e como inseri-lo no meio rural.

## **2.2 Letramento, letramento digital: concepções e práticas**

Letrar digitalmente é preparar os discentes para a familiaridade com o mundo digital. Para Xavier (2002), o letramento digital é indissociável da nova geração de aprendizes crianças que estão crescendo e vivenciando os avanços das tecnologias de informação e comunicação. Segundo Kleiman (2005, p. 21):

O letramento abrange o processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas da escrita nas sociedades, ou seja, o desenvolvimento histórico da escrita refletindo outras mudanças sociais e tecnológicas, como a alfabetização universal, a democratização do ensino, o acesso a fontes aparentemente ilimitadas de papel, o surgimento da internet.

Nesse sentido, a inclusão dos hipertextos e da internet constituem recursos para a realização de leituras e pesquisas de forma mais abrangente e enriquecedora, uma vez que não só motiva o educando, mas também o educador a questionarem sobre determinados assuntos, confrontarem realidades e buscarem informações para sanarem as respostas.

O letramento constitui outra realidade que exige das escolas um repensar sobre a prática pedagógica que alguns autores contemporâneos consideram importante. Autoras brasileiras como Soares (2005) e Rojo (1998) definem letramento ampliando com outras formas de leituras; como a maneira das pessoas entender, compreender e interpretar as realidades circundantes, visando uma relação das mesmas com a realidade e não apenas uma

simples decifração do código escrito através das palavras, consonante a concepção de Paulo Freire, ao afirmar que a leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Nesta configuração, de se aprender a fazer leitura de mundo com a presença das tecnologias nas nossas vidas, surge a necessidade de incorporar à prática pedagógica mais outro tipo de leitura, que exige um aprendizado através das ferramentas digitais, caracterizando assim outra dimensão na forma de se fazer educação chamado de: letramento digital.

Temos por letramento o conjunto de práticas que trabalham a escrita e a leitura. Nos dias atuais, estamos adentrando a tecnologia com o uso de ferramentas que irão nos dar suporte para uma melhor compreensão e, acima de tudo, nos auxiliarão no processo de ensino aprendizagem que, por vezes, é mais aguçado em uns e menos em outros, nos dando a oportunidade de tentarmos nivelar os graus de conhecimentos apresentados por cada um, conforme atesta a citação abaixo:

Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. Em texto posterior, a autora declara entender letramento 'como as práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto social da escrita' (KLEIMAN, 1998, p. 181).

Partindo desse pressuposto, temos o letramento como prática social no dia a dia de forma que a leitura e a escrita perpassem por diversas formas de aprendizagem. Nos dias atuais, com a ajuda da internet, o letramento digital se dá pela articulado ao processo de alfabetização na qual ocorre a aquisição da escrita e da habilidade para leitura. Sendo assim, temos uma sobrecarga social, mas também pedagógica em que uma complementa a outra e, juntas, constroem algo em comum para que possamos ampliar a aprendizagem dos alunos, por meio de ferramentas tecnológicas e digitais como fonte para um melhor desenvolvimento dos alunos no campo. Nessa perspectiva, entendemos que os alunos e alunos do campo têm direito ao letramento digital, de modo que possam valorizar as experiências que possuem e ampliar as ferramentas tecnológicas na sala de aula das escolas do campo, possibilitando o uso das tecnologias para apoiar o processo de letramento.

A discussão sobre o letramento digital, nos dias atuais vem sendo cada vez mais necessária para preparar cada aluno para o futuro a fim de que possam usar, de forma responsável, os recursos tecnológicos, e promover resultados positivos no processo de alfabetização. Para tanto, é necessário fortalecer o entendimento do letramento no meio digital

que se dará pelo celular, computador, tablet, entre outros dispositivos eletrônicos. Entendemos que com a utilização de tais dispositivos a alfabetização se tornará cada vez mais fácil e divertida, utilizando recursos que só é possível por meio desses aparelhos, conforme destacado por Magda Soares (2002, p. 148) considera que “[...] letramento designa o estado ou condição em que vivem e interagem indivíduos ou grupos sociais de leitura e de escrita, desempenha um papel de organização e reorganização desse estado ou condição.”

Sabemos também, que o letramento digital pode se dá também através de jogos, aplicativos e plataformas que dão suporte ao aluno, viabilizando a compreensão e o consumo pelos usuários. Esse letramento abrirá um leque de possibilidades aos alunos, mostrando-lhes novos horizontes para que todos possam ter acesso ao meio digital e a tudo aquilo que é proposto e como devem se comportar em relação ao conteúdo que terão contato, além de desenvolver o cognitivo, dando abertura para o pensamento crítico, saindo do senso comum e comunicando novos mundos àqueles que, até então, não tiveram contato com as tecnologias e que serão também apresentadas aos alunos do campo, por meio da educação e da política que garante o acesso tanto ao ensino como às novas tecnologias presentes neste novo universo que é o digital.

Além de desenvolverem o pensamento crítico também terão contato com as diversas notícias apresentadas pelo meio digital, estarão atentos às Fake News e policiarão o seu próprio acesso aos conteúdos, de forma que estarão aptos ao uso das plataformas disponíveis para compartilhamento de novos aprendizados e assim aguçarem seus intelectos no que diz respeito ao letramento e acima de tudo ao cyberbullying que nada mais é do que o bullying na internet, e assim aprenderem a se defender das diversas manifestações presentes também na internet. Vimos nesta ferramenta uma forma dos alunos estarem em contato direto com novas tecnologias e assim melhorarem seu processo de ensino aprendizagem.

Soares (2003) entende que letramento e alfabetização devem caminhar juntos. A autora concebe alfabetização da seguinte forma:

Pode-se agora ampliar o conceito de alfabetização proposto [...], definindo-a mais amplamente como a aprendizagem de um sistema de representação que se traduz em um sistema de notação que não é um “espelho” daquilo que representa, uma vez que é arbitrário – a relação entre as notações (as letras) e aquilo que representam (os fonemas) não é lógica nem natural – e é um sistema regido por normas – por convenções e regras (SOARES, 2016, p. 328).

Temos uma grande preocupação por parte de vários autores quanto ao uso da nossa língua materna como cita Soares a seguir:

Nós, os da área da Educação, estamos permanentemente diante de um apelo para a compreensão, acompanhado de um apelo para a ação. [...] tenho me atribuído a pesquisa e a ação no campo do ensino da língua materna – da alfabetização e do letramento, da leitura e da escrita, da formação de leitores e da formação de professores; [...] (propiciar) o domínio da língua às crianças e aos jovens que estão nas escolas públicas, aqueles que não são herdeiros, como bem qualifica Bourdieu, inserir no mundo da escrita os que, ao contrário dos herdeiros, têm de enfrentar obstáculos sociais, econômicos, culturais que se sustentam quase sempre pelo poder da língua e só podem ser enfrentados com o poder da língua (SOARES, 2015, p.16).

Além desses fatores já apresentados, temos a questão da religiosidade que acaba por influenciar os hábitos cotidianos e o tratamento com a natureza. Contudo, o bullying fora do campo é algo preocupante, pois muitas vezes tira o aluno de lugares urbanos por se tratarem de pessoas humildes e pelas péssimas condições financeiras, são obrigados, muitas vezes, a se deslocarem até as escolas urbanas, em ônibus em precárias condições de uso, chegando à escola sujos, descalços, apresentando dificuldade de aprendizagem, o que na maioria das vezes, acaba acarretando em evasão escolar, deixando-os assim, desprovidos de educação e optando pela educação no campo que se torna algo viável para evitar todo esse processo o qual o camponês deseja evitar.

Por esse contexto, ressaltamos a importância da educação no campo e a valorização da mesma, bem como necessitamos de um olhar dos órgãos políticos para essa educação, dando suporte a esses alunos que, assim como os demais, têm direito ao acesso à educação. Direito esse garantido pela Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988).

### **2.3 Práticas de letramento digital**

As práticas de letramento digital vão além de atividades pedagógicas com as Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC's propostas pelo uso de aparelhos digitais, tais como: computador, tablet, celular, dentre outros; vão desde o conhecimento do computador em si, até o manuseio correto do equipamento. Nessa perspectiva:

O uso das TIC's na educação aponta para uma redemocratização da escola, para uma ampliação do seu raio de ação e, também, para uma maior inserção dos seus sujeitos, o que sem dúvida é um recurso válido no combate à

exclusão social e na transformação da escola em um instrumento de inclusão digital (ARAÚJO; GLOTZ, 2009, p. 6).

Neste tipo de ensino, a criança não tem um contato superficial, mas irá trabalhar de forma ampliada as compreensões no que diz respeito ao uso das tecnologias, além de ser uma forma de aperfeiçoar o uso das ferramentas na qual as crianças estarão expostas, para que assim usem de forma eficaz e entrem em contato com um universo de possibilidades, contribuindo para o processo de ensino aprendizagem, e conseqüentemente trabalhando o cognitivo e todas as funções motoras.

O letramento, apresentado por Soares e Kleiman, é aquele que a criança aprende a ler e a escrever e utiliza essas ações em suas práticas sociais. Por sua vez, os termos letramentos, ou letramentos múltiplos, são usados porque há uma compreensão de que esses processos são vários. O letramento digital, implica no desenvolvimento midiático em uma sociedade tecnológica. Há a compreensão de que as crianças nascidas a partir da década de 2010 são consideradas nativas digitais, pois já dominam a internet e as tecnologias melhores do que qualquer adulto. Sendo assim, hoje em dia, há uma exigência muito grande por parte dos pais e da escola quanto ao uso dessas mídias e o manuseio delas, para que assim todos possam se familiarizar e entender o desenvolvimento das diversas redes e possibilidades que temos à nossa disposição e que podemos usufruir, de forma correta, para o nosso bem, conforme dito por Prensky (2001, p.1-2):

ou seja, os nativos digitais e os imigrantes digitais: Como deveríamos chamar estes “novos” alunos de hoje? Alguns se referem a eles como N-gen [Net], ou D-gen [Digital]. Porém a denominação mais utilizada que eu encontrei para eles é Nativos Digitais, Nossos estudantes de hoje são todos “falantes nativos” da linguagem digital dos computadores, vídeo games e internet. Então o que faz o resto de nós? Aqueles que não nasceram no mundo digital, mas em alguma época de nossas vidas, ficou fascinado e adotou muitos ou a maioria dos aspectos de nova tecnologia são, e sempre serão comparados a eles, sendo chamados de Imigrantes Digitais.

Ao crescerem em um contexto tecnológico, as crianças que estão expostas às tecnologias precisam, logo cedo, entender como lidar com os dispositivos e plataformas de modo que venham a desenvolver competências que as auxiliarão no desenvolvimento das tarefas ofertadas pelo ambiente escolar e, acima de tudo, em suas vidas pessoais quando forem ao banco, shopping, dentre outros lugares que já nos exigem um conhecimento técnico prévio para podermos manusear tais tecnologias e vivenciarmos com êxito tais situações. Sendo assim, essa geração necessita mais do que nunca aprender, mas também tem muito a ensinar

nessa área. Por isso, cada dia mais, os professores precisam estar inovando as práticas, conforme ressalta Libâneo (2007, p. 309) ao afirmar que " o grande objetivo das escolas é a aprendizagem dos alunos, e a organização escolar necessária é a que leva a melhorar a qualidade dessa aprendizagem".

O letramento digital nas crianças é, muitas das vezes, algo intuitivo, pois as mesmas já são acostumadas a lidar com esse tipo de tecnologia, o que facilita a ação do professor dentro da sala de aula para apresentar as devidas orientações pertencentes a este letramento. Uma forma do professor trabalhar com os alunos é explicando as dinâmicas de cada plataforma e o funcionamento. Ao entregar-lhes um aparelho, informar como funciona; se for um vídeo dar-lhes de forma que seja fácil o acesso, se for um jogo algo que já esteja aberto e de fácil entendimento; com os alunos iniciantes apresentar o mouse e para que serve, bem como o teclado para digitar as letras; e assim sucessivamente até que os alunos se identifiquem e manuseiem de forma correta o computador e as demais tecnologias as quais estarão expostos.

#### **2.4 Letramento digital e ensino nas escolas do campo**

O letramento digital nas escolas do campo é um desafio maior devido a falta de acesso à internet ou à tecnologia, diferente da região urbana, na qual as crianças possuem um acesso mais fácil. Contudo, é neste caso que, muitas vezes, o professor que irá conduzir a sala, será o norteador, aquele que facilitará o acesso das crianças da zona rural ao aparelho tecnológico. Sendo assim, será algo prazeroso, porém desafiador, mas a educação em si é algo desafiador. Segundo Freitas (2003), a internet está possibilitando que as pessoas escrevam mais. Uma escrita teclada, espontânea, criativa e em tempo real, que configura um novo gênero discursivo, pois é inseparável da leitura.

Ao primeiro contato com as novas tecnologias recomenda-se que se inicie pela exploração dos meios que serão utilizados para desenvolver as atividades propostas pelo educador. Cabe aqui, se for o caso, uma apresentação do computador, do mouse, teclado, caixa de som, monitor, gabinete e ir falando os nomes de cada um e a sua respectiva função, para que assim todos os estudantes entendam e se familiarizem com as novas tecnologias (LIBÂNEO, 2007). Contudo, devemos tomar cuidado com os termos muito técnicos que pertencem ao mundo da informática e, se possível, utilizar a linguagem que é mais usada no dia a dia, a coloquial mesmo. Sendo assim, após essa apresentação começará a testar as funções de cada objeto, no caso aqui, o computador. Também entendemos que nada impede



que os alunos tenham aula de informática antes ou depois das aulas que precisarão da tecnologia como ferramenta de aprendizagem.

Os jogos eletrônicos são muito bons no aspecto de familiarizar o aluno com uso da nova tecnologia, bem como o uso de vídeos para incrementar as aulas das disciplinas que muitas vezes são tidas como chatas por parte da maioria dos alunos. Esses recursos facilitarão, por exemplo, no caso da Geografia, a viagem virtual a diversos locais que, por enquanto, não é possível a ida até lá; visitas a museus virtuais, que proporcionarão o estudo de História de modo muito mais atrativo, e até mesmo as histórias de contos de fada, para as aulas de Português e os estudos dos animais e demais fenômenos da natureza que abrangem as aulas de Ciências. Assim, jogos, brincadeiras e trocas de saberes tornarão a educação leve, para que os nossos alunos tenham um melhor acesso ao ensino e tenham prazer em aprender.

O professor poderá trabalhar recursos como *tangram* que nada mais é do que um jogo de formas geométricas que podem ser utilizadas nas aulas de Matemática e Artes, por exemplo, para que os alunos tenham contato com esse tipo de tecnologia, além de mostrar o caminho que é percorrido e as possibilidades que a internet tem, as funções executivas e cognitivas também serão aguçadas, mostrando o caminho pelo qual se percorreu entre a busca e a abertura de um vídeo, por exemplo. Logo, segundo Silva (et al., 2005, p. 33), o letramento digital é a habilidade para construir sentidos, localizar, filtrar e avaliar criticamente a informação eletrônica.

Os métodos de ensino através de tecnologias facilitam a habilidade do indivíduo através de 3 eixos; pesquisas na internet, publicação na internet, e aprender a comunicar-se digitalmente. Segundo Silva (2005) "saber utilizar as TIC, saber acessar informações por meio delas, compreendê-las, utilizá-las e com isso mudar o estoque cognitivo e a consciência crítica de forma positiva na vida pessoal e coletiva" (SILVA et al., 2005, p.33)

A partir disso, entende-se que o termo letramento digital não se trata apenas do aprendizado da escrita, ou mesmo do uso de hardwares, interfaces gráficas e softwares de computadores, mas de inserir-se em práticas sociais nas quais a escrita, mediada por computadores e outros dispositivos eletrônicos, tem um papel significativo. Desse modo, o letramento digital soma no processo de aprendizagem.

### **3 CAMINHOS METODOLÓGICOS**

Neste capítulo apresentamos a discussão dos dados da pesquisa referentes as entrevistas com as professoras. Nele consta dados referentes ao nosso corpus e categoria analítica. A discussão e análise dos dados apoiou-se nas respostas dadas pelas docentes tendo a entrevista como suporte instrumental da pesquisa. Destacamos nessa discussão os seguintes autores/as: Gil (1999), Laville & Dionne (1999) e Triviños (2008).

#### **3.1 Abordagem da pesquisa**

O nosso trabalho adotou metodologia off-line do tipo longitudinal e qualitativa por ter caráter exploratório e seu foco está na subjetividade do objeto analisado, ou seja, através das entrevistas realizadas com as professoras verificamos desafios enfrentados por elas e como se dá a prática do letramento digital.

Inicialmente, realizamos pesquisa de campo em duas escolas da rede pública municipal, uma localizada no município Serra da Raiz, no interior do estado da Paraíba, e a outra em Jacumã, distrito do município do Conde, e verificamos como está sendo desenvolvido o letramento digital nas escolas do campo.

Baseada na relação do sujeito e a realidade do campo, a aplicabilidade de tal metodologia nos permitiu compreender o comportamento do público-alvo, estudando as suas particularidades e experiências individuais, entre outros aspectos.

Assim, chegamos à concepção final do ideal proposto por essa pesquisa que é qualitativa e busca atender as necessidades apresentadas tanto pelos alunos quanto pelos professores, para que então possamos contribuir com o processo de ensino aprendizagem e assim formarmos cidadãos preparados para o futuro.

#### **3.2 Tipo e instrumentos da pesquisa**

O instrumento utilizado na pesquisa foi a entrevista, que foi realizada com três professoras que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental das escolas apresentadas anteriormente.

Após a definição do tipo de pesquisa optamos pela realização dos seguintes procedimentos: a entrevista semiestruturada, pois de acordo com Gil (1999), a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas em trabalhos científicos. Esse recurso é

eficaz por obter informações dos entrevistados, os quais são pessoas que vivenciam aquela determinada realidade que está sendo estudada, podendo, por isso, trazer dados preciosos sobre os fatos.

Para Laville & Dionne (1999), a entrevista semiestruturada permite “[...] uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista”, buscando coletar dados de forma mais informal e mais específica a depender da necessidade de cada entrevistador e entrevistado.

Triviños (2008), nos orienta que, em relação à organização dessa técnica, a entrevista semiestruturada deve partir de questionamentos simples e básicos, embasados em teorias que interessam à pesquisa, podendo acontecer a quebra ou surgimento de expectativas, a partir do surgimento de novas hipóteses estabelecidas conforme as respostas dos entrevistados. A entrevista foi realizada de forma on-line. A forma em questão se fez necessário pelo momento atual, de pandemia, que vivemos de enfrentamento ao novo coronavírus que provocou a necessidade de afastamento social.

As perguntas foram elaboradas pela pesquisadora com questões que tiveram como foco o tema central da pesquisa: o letramento digital nas escolas do campo, com a intenção de permitir as professoras a imersão gradativa no tema e a expressarem a sua compreensão sobre o letramento digital na sala de aula, possibilitando a relacionarem aspectos teóricos com as práticas que realiza. Desse modo, as perguntas feitas às professoras ajudam a alcançar os objetivos desta investigação.

Embora algumas questões da entrevista tenham sido estruturadas, as conversas com as professoras/colaboradoras possibilitaram o acréscimo de algumas questões que naquele momento permitiu o maior aprofundamento do tema. Por isso, consideramos o instrumento dessa pesquisa a entrevista semiestruturada.

A entrevista constou de oito questões com as seguintes perguntas: O que você entende de letramento? Que práticas são desenvolvidas em sala de aula que favorecem o letramento? Qual (quais) as dificuldades que você encontra para desenvolver o letramento das crianças? O que você entende por letramento digital, de equipamentos apropriadores de condições básicas interferem no processo de ensino digital dos alunos? Que práticas você desenvolve em sala de aula que favorecem o letramento digital dos alunos? Que fatores impedem ou favorecem a realização das práticas de letramento digital na sua sala de aula? Ao planejar as práticas de letramento digital o que você leva em consideração? Quais as principais dificuldades que você encontra para desenvolver as práticas de letramento digital?

### 3.3 Campo da pesquisa

A pesquisa foi realizada em duas escolas. A primeira, Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Menezes e Escola Municipal de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos Deputado José Mariz, localizada no município Serra da Raiz, no interior do estado da Paraíba, e a segunda Escola Municipal de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos Deputado José Mariz localizada em Jacumã, distrito do município do Conde.

Fizemos o reconhecimento das escolas considerando aspectos administrativos, estruturais e metodológicos como, por exemplo, a identificação da gestão escolar, do quadro de distribuição de funcionários, do corpo docente e discente da instituição de ensino. Realizamos também o levantamento de informações através de entrevistas com as professoras.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim, no município Serra da Raiz-PB, que fica à uns 5 km da cidade, evidenciou a precariedade da estrutura do prédio da escola, assim como a estrutura didática. As dificuldades apresentadas são inúmeras. São diversos os empecilhos para a promoção de um ensino de qualidade: livros amontoados e misturados no mesmo ambientes que materiais de limpeza e ausência de estantes apropriadas.

Há carência, também, no transporte escolar, fazendo com que os alunos cheguem a pé e, conseqüentemente, cansados para estudar. A escola é precária; não possui nada que agregue no ensino dos alunos do campo. O quadro a seguir evidencia a falta de equipamentos eletrônicos na escola.

**Quadro 1.** Equipamentos eletrônicos

Aparelho de DVD	Não
Impressora	Não
Copiadora	Não
Retroprojeter	Não
Televisão	Não

**Fonte:** Dados obtidos pela pesquisadora a partir da entrevista.

A entrevista foi composta por oito perguntas abertas elaboradas pela pesquisadora, levando em consideração toda temática foco da pesquisa: letramento digital.

No tocante aos nomes e históricos da fundação das escolas, é salutar sabermos que Joaquim Menezes, natural de Pilões, casou-se com uma das filhas de Pacífico Lira (proprietário do Engenho Boa Vista - Pimenta). Foi, por muito tempo, delegado de polícia por parte de herança de sua esposa, do Sítio Boa Vista. Por esses motivos, Joaquim Menezes tornou-se muito conhecido na cidade Serra da Raiz.

A ligação do nome de Joaquim Menezes ao nome da escola e da banda é devido, na década de 30, alguns jovens da cidade terem organizado um pequeno grupo musical; uma pequena banda para apresentações em eventos religiosos tanto na cidade, quanto na região, e Joaquim Menezes ter sido um grande apoiador e incentivador dessa banda de música. Uma de suas filhas, mesmo cega, foi quem fez o primeiro fardamento da banda, pois segundo relatos, registrados por Padre Luiz no livro de Serra da Raiz, ela costurava muito bem.

Joaquim Menezes, por ter um automóvel do município, era quem carregava a banda pela região. Então, como forma de agradecimento e homenagem foi colocado o nome Banda de Música Joaquim Menezes, como ficou conhecida.

A escola, campo da pesquisa, E.M.E.I.E.F.EJA Deputado José Mariz, localizada em Jacumã, distrito do município do Conde, fica a aproximadamente 20 km de distância da capital João Pessoa. A escola foi fundada em 1977 pelo prefeito em vigor, Almir Correia, que homenageou o Deputado José Mariz, dando seu nome a esta unidade escolar. Ela foi reestruturada em 1980 e em 2002 foi ampliada e reformada. Entre 2008 e 2009 foi implantado o ensino Fundamental II, para atender as necessidades desta localidade.

A escola é atendida pelos projetos PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), Programa Nacional de Alimentação Escolar, PDDE - Programa de Dinheiro Direto na Escola, PNME - Programa Novo Mais Educação, Programa Nacional de Apoio ao Transporte Escola, Programa de Implantação de Salas de Recurso Multifuncionais, PEA - Programa Escola Acessível e o PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

A escola em questão, apesar de possuir laboratório de informática, não dispõe de acesso à internet. Sendo assim, não apresenta infraestrutura tecnológica capaz de colaborar com aulas digitais através de plataformas. O único centro de apoio para os alunos é a biblioteca, que possui espaços adequados de mesas e cadeiras.

### **3.4 Sujeitos da pesquisa**

Essa pesquisa foi de cunho qualitativo baseado na relação do sujeito e a realidade do campo, com o propósito de analisar as respostas das entrevistadas, relacionando o processo de ensino-aprendizagem e a maneira pela qual iremos abordar os diversos tipos de perguntas e respostas dadas pelas colaboradoras entrevistadas. Sendo assim, preservaremos a identidade das entrevistadas, bem como das instituições de ensino onde elas lecionam. Para isso, vamos nomeá-las de professoras A, B, C; e escolas X e Y. Vejamos, a seguir, o quadro com a sistematização dos dados das colaboradoras.

**Quadro 2.** Dados das colaboradoras

<b>Nome</b>	<b>Formação</b>	<b>Ano em que atua</b>	<b>Escola</b>	<b>Tempo de atuação</b>
Professora A	Pedagogia	4º ano – E.F.	Escola X	8 anos
Professora B	Pedagogia e pós-graduação em Psicopedagogia clínica, hospitalar e institucional	2º e 3º ano – E.F. multisseriada	Escola X	8 anos
Professora C	Pedagogia	1º e 2º anos – E.F. multisseriada	Escola Y	5 anos

**Fonte:** Dados da pesquisadora obtidos por meio da entrevista com as professoras.

A primeira professora/colaboradora foi a professora A, formada em Pedagogia, leciona no 4º ano do Ensino Fundamental I, da escola X e na educação do campo há 8 anos. A segunda entrevistada foi a professora B, formada em Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia clínica, hospitalar e institucional, leciona em turma multisseriada do 2º e 3º ano do Ensino Fundamental I, na Escola X e atua no campo há 8 anos. A terceira entrevistada foi a professora C, graduanda em Pedagogia, leciona nos 1ºs e 2ºs anos do Ensino Fundamental I, da escola Y e atua na educação do campo há 8 anos.

De acordo com as informações nota-se que duas professoras têm experiência de 8 anos nos anos iniciais, sendo que uma delas com especialização, e a outra com menos experiência, ambas correspondem às exigências legais para atuar como docentes no Ensino Fundamental.

## 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Após a obtenção dos dados por meio da entrevista, realizamos as discussões e análises, a fim de elaborarmos o presente capítulo que tem como finalidade explicitar o posicionamento das professoras acerca do letramento digital nas escolas do campo.

As perguntas e respostas apresentadas ao longo desse capítulo se referem ao levantamento e registro das informações colhidas por meio da aplicação de entrevistas direcionados às professoras.

A seguir, apresentamos as questões feitas às professoras colaboradoras da pesquisa e as respectivas respostas. Após a apresentação dos dados fizemos as análises, considerando os termos utilizados e as afirmações feitas pelas professoras entrevistadas.

### 4.1 Análise qualitativa dos dados das entrevistas com as professoras

Em relação ao tema central da pesquisa “Letramento e Letramento Digital” foram feitas as mesmas perguntas para as quatro professoras. Vejamos as respostas dadas por cada uma a seguir.

Pergunta 1. O que você entende de letramento? As professoras responderam da seguinte forma:

Profa. A. Letramento é a alfabetização daqueles que ainda não reconhecem as letras e as vogais, na questão do letramento digital podemos dizer que refere-se ao que diz respeito à tecnologia, ou seja, ambos falam da questão do reconhecimento de algo, complementando a educação tanto na área natural como na tecnológica. (Escola X).

Profa. B. Letramento é: ampliar o ato de alfabetizar, de inserir no educando um sentido social de aprender a ler e escrever. (Escola X).

Profa. C. Define-se como o ato ou condição de quem sabe ler e escrever, cultivar e exercer as práticas sociais do indivíduo no mundo da escrita. (Escola Y).

As professoras têm concepções que se aproximam da ideia de letramento. Duas delas (B e C) compreendem parcialmente a concepção de letramento. Essa compreensão das professoras demonstram um entendimento diferenciado de letramento, destacando apenas alguns aspectos das ideias apresentadas por Soares (2005) sobre o processo como prática social da leitura e da escrita.

Nessa dimensão, entende-se a leitura como a habilidade de simplesmente traduzir, em sons, sílabas isoladas, a partir da decodificação. No entanto, o letramento envolve outras

habilidades como o pensamento cognitivo e metacognitivo; inclui, entre outras habilidades, a habilidade de decodificar símbolos escritos; a habilidade de captar o sentido de um texto escrito; a capacidade de interpretar sequências de ideias ou acontecimentos, analogias, comparações, linguagem figurada, relações complexas, anáfora; e ainda habilidades de fazer predições iniciais sobre o significado do texto, de construir o significado, combinando conhecimentos prévios com as informações do texto, de controlar a compreensão e modificar as predições e iniciais, quando necessário, de refletir sobre a importância do que foi lido, tirando conclusões e fazendo avaliações. Confirmando essas ideias Tfouni (1995, p.20) informa que “enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de uma sociedade”.

Nesse sentido, as professoras B e C se aproximam das concepções apresentadas por Soares (2003, 2005, 2010, 2014). A professora A, no entanto, apresenta dificuldade de explicitar a concepção de letramento. De uma forma equivocada, ela compreende que alfabetização e letramento são as mesmas coisas. O fato da professora não saber diferenciar letramento e alfabetização pode repercutir na sua prática pedagógica.

Kleiman (2005, p. 5) fala que “letramento é um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo lugar. Porque a escrita está por todos os lados, fazendo parte da paisagem cotidiana”. O letramento envolve o trabalho com gêneros textuais, a leitura e a compreensão. As professoras não foram precisas na concepção de letramento.

Letramento e alfabetização são processos que, segundo Ferreiro (2003), estão associados. O primeiro diz respeito ao uso da leitura e escrita nas práticas sociais; e o segundo está inerente ao domínio do sistema alfabético, suas convenções, e a ler e escrever de fato.

Dando sequência a entrevista fizemos a segunda pergunta às professoras.

Pergunta 2. Que práticas são desenvolvidas em sala de aula que favorecem o letramento?

Profa. A. Exercícios de fixação envolvendo o lúdico e o cognitivo para que haja o desenvolvimento tanto no que diz respeito ao ensino como um todo e em relação as tecnologias. (Escola X).

Profa. B. Manuseio de alfabeto móvel, tracejados, textos curtos, jogos educativos etc... (Escola X).

Profa. C. Para que a alfabetização e o letramento ocorram em minha sala de aula, sempre trago a atenção para os sons, ou seja sons das palavras faço com que os alunos toquem nas letras, ou seja, materiais concretos.



Trabalhando textos como pilar de todas as atividades, provocando sempre reflexões. (Escola Y).

As práticas apresentadas pela professora A não se referem a práticas de letramento, uma vez que afirma que realiza “exercícios de fixação envolvendo o lúdico”. Tais exercícios podem ser compreendidos como atividades voltadas para o processo de alfabetização.

A professora B, assim como a professora A, apresenta práticas voltadas para a alfabetização, dando indícios de que trabalha com atividades voltadas para a aquisição do sistema de escrita alfabético, enfatizando o uso do alfabeto móvel e jogos educativos. Essas atividades são importantes e muito recomendadas durante a etapa da alfabetização. A professora B também afirma utilizar “tracejados”. Essa atividade não auxilia o desenvolvimento do Letramento, visto que é apenas voltado para o treinamento motor da criança em relação a escrita das letras e das palavras.

A professora C, por sua vez, também nos apresenta práticas voltadas para o desenvolvimento da alfabetização por meio por meio do trabalho com a consciência fonética e fonológica. A professora também faz uso do lúdico em suas aulas e demonstra que trabalha com o letramento quando afirma “Trabalhando textos como pilar de todas as atividades”. E conclui afirmando que os textos são utilizados para reflexão dos alunos. Diante disso, podemos inferir que a professora C desenvolve práticas articuladas para a alfabetização e o letramento.

Além disso, sabemos que, se as nossas práticas pedagógicas devem ir além da alfabetização, hoje em dia, também devem perpassar a perspectiva do letramento até atingirem o letramento digital.

Pergunta 3. Qual (quais) as dificuldades que você encontra para desenvolver o letramento das crianças?

Profa. A. Em sala de aula multisseriada temos a dificuldade de muitas séries que encontram-se em um mesmo ambiente, pois cada criança tem seu tempo de desenvolvimento cognitivo e conseqüentemente levam mais tempo para aprender, também temos o problema de estrutura e falta de materiais. (Escola X).

Profa. B. Muitas vezes as dificuldades de decodificação de algumas crianças, falta de jogos lúdicos. (Escola X).

Profa. C. Algumas dificuldades surgem no decorrer da aprendizagem sinto algumas crianças dispersas com falta de concentração e etc. (Escola Y).

Questionada sobre a dificuldade encontrada para desenvolver o letramento das crianças, a professora A indica que trabalha em uma turma multisseriada, pois a educadora considera que o desenvolvimento cognitivo é individual e que cada aluno tem o seu tempo e ritmo para tal desenvolvimento aconteça. Além disso, ela cita a precariedade da estrutura e a ausência de recursos materiais. Contudo, ela não descreve a que precariedade estrutural se refere, tampouco quais recursos materiais estão em falta na escola. Entretanto, por meio da observação feita, pela pesquisa, na escola podemos inferir que a docente se refere aos livros amontoados e misturados no mesmo ambiente com os materiais de limpeza e ausência de estantes apropriadas. Além disso, há carência de transporte escolar, fazendo com que os alunos cheguem a pé e, conseqüentemente, cansados para estudar. A escola, de fato, é precária; não possui nada que agregue no ensino dos alunos do campo.

As professoras B e C citam as dificuldades e dispersões próprias das crianças como causas para a dificuldade do desenvolvimento do letramento. Entretanto, a professora B denuncia também a dificuldade das crianças com processo de alfabetização (que ela afirma como decodificação) e a falta de jogos lúdicos na escola. A professora C também considera que algumas dificuldades surgem e são próprias do processo do fazer educativo com falta de atenção e concentração das crianças. As dificuldades apresentadas podem representar que as crianças não estão interessadas nas atividades que estão sendo propostas. Nesse caso, a professora poderia planejar atividades lúdicas e significativas que desperte o interesse das crianças.

Segundo Vygotsky (1998), “para entendermos o desenvolvimento da criança, é necessário levar em conta as suas necessidades e os estímulos pedagógicos que são eficazes para colocá-las em ação”. Logo, no contexto do campo, tais necessidades são ainda mais peculiares e os estímulos necessários, a fim de que as pessoas que moram no campo percebam que os conhecimentos compartilhados em sala de aula trazem consigo sentido e aplicabilidade prática e transformadora de sua realidade, sem que precisem afastar-se do campo, da sua história, tradição e identidade.

Pergunta 4. O que você entende por letramento digital?

Profa. A. Os equipamentos apropriados de condições básicas não interferem propriamente no processo de ensino-aprendizagem de forma negativa, mas precisamos observar a maneira que estamos trabalhando para que assim possamos interferir de forma positiva neste processo. (Escola X).

Profa. B. São as práticas de leitura e produção de textos digitais, etc. (Escola X).

Profa. C. A prática de leitura ou produção de textos em ambientes digitais, (computador dispositivos móveis). (Escola Y).

As professoras B e C compreendem por letramento digital como as práticas de leitura e escrita em ambientes digitais. Contudo, destaca-se a fala da professora C ao mencionar as ferramentas a serem utilizadas. É salutar compreendermos que as práticas para o letramento digital precisam ser executadas em ambientes, com ferramentas e suportes próprios para que o mesmo ocorra. O pesquisador do NIED- Unicamp (Núcleo de Informática Aplicada à Educação da Universidade de Campinas), José Armando Valente na palestra intitulada “O aprendizado na era da informação” nos leva a seguinte reflexão:

Saber como utilizar a tecnologia não é um processo diferente de aprendizagem? São neurônios que se conectam. A mudança está no contexto do processo educacional, com outras linguagens, com trabalhos compartilhados em rede e outros recursos como fotografia, internet, vídeos, sons, jogos, DVD's, CD-Roms e outras mídias. (VALENTE, ANO).

A resposta da professora A nos chama a atenção. Em outras palavras, ela afirma que não são os equipamentos digitais, mas o uso que fazemos deles que fará do processo de letramento digital algo positivo ou negativo. De fato, as possibilidades de ensino e aprendizagem com as novas tecnologias da informação e comunicação são múltiplas, sendo possível formarmos redes descentralizadoras das chamadas “bolhas sociais”, as quais por muitas vezes propagam a “cultura do cancelamento” que acabam por incentivar crimes como o *ciberbullying*, ou seja, a intolerância e violência a quem é, pensa e age de forma diferente de nós, em consonância ao que afirma Carvalho (2014).

Além disso, práticas de “*haters*” (palavra de origem inglesa e que traduzida significa ‘odiosos’) e *fake news* (palavra de origem inglesa e que traduzida significa ‘notícia falsa’) também são consequências recorrentes do mal uso das ferramentas digitais. Ademais, há também a possibilidade de desenvolvermos patologias, transtornos, síndromes e doenças físicas e mentais, como: síndrome do toque fantasma, ansiedade, insônia, problemas na coluna cervical, inversão e aversão à realidade, depressão, entre outras, advindas do mal uso dos dispositivos móveis e da internet conforme defende Carvalho (2014).

A interação social descrita por Vygotsky (1998), também pode, na atualidade, ser vivenciada por meio dos recursos digitais também incentivam e favorecem a interação social. Por isso, ao trabalharmos com imagens, navegarmos em textos da Web, utilizarmos animações, jogos e aplicativos para simplificarmos a assimilação de conteúdos e realização de atividades complexas e propiciar aos estudantes o protagonismo de seus trabalhos e

aprendizados, uma vez que tudo pode ser publicado e exibido na internet, fará do processo de letramento digital algo positivo e, certamente, os distanciará das práticas negativas.

Em suma, é preciso esclarecermos e prepará-los para o bom uso da tecnologia e conscientizá-los sobre a importância de nos prevenirmos dos perigos do mal uso das novas tecnologias e da internet.

Pergunta 5. Que práticas você desenvolve em sala de aula que favorecem o letramento digital dos alunos?

Profa. A. Estimulação para o uso do computador mesmo sem o primeiro contato, interação nos diversos aplicativos e programas tanto com jogos e atividades que enfatizem essa prática. (Escola X).

Profa. B. Utilizo vídeos e filmes, a escola não dispõe de internet. (Escola X).

Profa. C. Nenhuma, minha escola não disponibiliza dessas práticas. (Escola Y).

A professora A desenvolve, em sala de aula, práticas que favorecem o letramento digital dos alunos incentivando o manuseio dos equipamentos e a interação e uso de aplicativos e programas digitais para a realização de atividades. Tal prática favorece o protagonismo estudantil, uma vez que os trabalhos e aprendizados podem ser publicados e exibidos na internet.

A professora B, por sua vez, menciona apenas suportes off-line, tendo em vista o fato de a escola não dispor de acesso à internet. As dificuldades enfrentadas pelas escolas públicas são diversas: inexistência de laboratórios de informática e insuficiência de quantidade de computadores (quando há) para a demanda de alunos matriculados nas escolas são apenas alguns dos desafios apresentados nas instituições públicas de ensino.

A professora C, entretanto, justifica não realizar práticas de letramento digital em sala de aula por não ser uma prática da escola. Contudo, ao analisarmos algumas de suas respostas posteriores, não fica claro se a professora não realiza as práticas de letramento digital em sala de aula, porque não é uma prática da escola ou porque a docente reconhece que tem dificuldades com o seu próprio letramento digital. Assim, a docente considera não possuir o domínio das ferramentas tecnológicas ou não ter conhecimento de estratégias para incorporar a prática do letramento digital na escola. Essa afirmativa da professora pode se dar pela falta de internet de rede Wi-fi na escola, pois noutro momento a professora disse que a evolução dos alunos se dá através de blogs como ferramenta de comunicação e atividades digitais, por meio das quais podem consultar atividades autoexplicativas.

Pergunta 6. Que fatores impedem ou ajudam a realização das práticas de letramento digital na sua sala de aula?

Profa. A. A falta de estrutura da referida escola, além da falta de internet e problema de conexões bem como acesso aos programas e microcomputadores, além do mais em decorrência da pandemia e da falta de estrutura, segue os esforços. A parceria com os pais deixa a desejar, pois os mesmos detêm de baixa escolarização, então, o processo de ensino fica de responsabilidade apenas de nós professoras. (Escola X).

Profa. B. A falta de internet. (Escola X).

Profa. C. O de letramento digital. (Escola Y).

A falta de estrutura e internet são citadas pela professora A como as principais razões para o impedimento de práticas de letramento digital em sala de aula. Ela ainda cita a dificuldade de acesso aos programas e microcomputadores como fatores desafiadores. Entretanto, três dados muito importantes, os quais se relacionam, nos chamaram atenção.

Primeiro, o baixo nível de escolarização dos pais dos alunos, o que, por conseguinte, acaba por gerar outras dificuldades, como o não acompanhamento, por parte dos pais, da vida escolar de seus filhos, causando assim uma sobrecarga aos professores que precisam, muitas vezes, desempenhar inúmeras outras funções durante o processo educativo. Por último, mas não menos importante, a resposta da professora evidencia o descaso e a desvalorização com a educação do campo, a qual, com a pandemia, passou a ser duplamente prejudicada, uma vez que o ensino remoto é uma realidade distante devido a dificuldade de aquisição de aparelhos eletrônicos (tanto por parte do Estado quanto das famílias das crianças do campo) e conexão de internet.

Confirmando a precariedade de acesso à internet das escolas públicas, a décima edição da pesquisa “TIC Educação 2019”, divulgada, em debate on-line, pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) revela que quase 40% dos alunos de escolas públicas não têm computador, seja de mesa ou portátil, ou tablet, para estudar em casa. A coordenadora da pesquisa, Daniela Costa (2019), reforça que os dados são essenciais para entender as condições dos alunos e como eles estão usufruindo das atividades pedagógicas, uma vez que não há ensino a distância. “O que a gente tem nesse momento [de pandemia do Covid-19] é um ensino remoto”, explica Daniela.

A professora B cita a falta de internet como fator impeditivo para as práticas de letramento digital. A professora C considera que o processo de letramento digital, em si, já é a própria dificuldade para ele ocorra.

Pergunta 7. Ao planejar as práticas de letramento digital o que você leva em consideração?

Profa. A. Levamos em consideração o processo de aprendizagem na qual a criança está inserida além da capacidade de absorção por parte da criança de todo o ensino e seu rendimento para que assim possamos inserir o letramento digital nesse processo. (Escola X).

Profa. B. O tempo de duração, a melhor demonstração da temática. (Escola X).

Profa. C. A evolução dos alunos, através de blogs como ferramenta de comunicação, atividades digitais. Onde podem consultar atividades autoexplicativas. (Escola Y).

Ao planejarem as práticas de letramento digital, as professoras A e C consideram os estágios de desenvolvimento cognitivo individual dos estudantes, enquanto a professora B considera o tempo de duração e demonstração para que o processo ocorra.

Os alunos do campo têm condições de acessar e “consultar” com mais facilidade “atividades autoexplicativas”, ou seja, cursos/conteúdos por correspondência. Característica da primeira geração da EaD: a educação por correspondência, na qual os principais meios de comunicação eram guias de estudo impressos, com exercícios enviados pelo correio (LEMGRUBER, 2008).

Atualmente, essa modalidade de educação adquiriu nova roupagem: as atividades são impressas e entregues pela escola aos pais/alunos, para serem respondidas em casa, num determinado espaço de tempo, devendo, em seguida, fazer a chamada “*devolutiva*” à escola, para que as possíveis correções e intervenções sejam feitas pelos professores de cada turma.

As explicações dos conteúdos são realizadas através de vídeos produzidos pelos professores, ou envio de links de vídeos disponíveis em plataformas digitais, para os celulares dos estudantes que assim os têm. Há também a indicação de páginas dos livros a serem respondidas e fotografadas pelos estudantes e enviadas para o grupo/professor da turma, em aplicativo de conversa

Pergunta 8. E quais as principais dificuldades para desenvolver as práticas de letramento digital?

Profa. A. Resistência por parte da direção tanto da escola como de questões políticas educacionais, além da aversão dos próprios pais em relação ao desenvolvimento de seus filhos e a comunicação entre si. (Escola X).

Profa. B. A falta de recursos tecnológicos. (Escola X).

Profa. C. Estratégias de incorporar a prática do letramento digital na escola. Falta de internet de rede Wi-fi. (Escola Y).

Segundo a professora A as principais dificuldades para desenvolver as práticas de letramento digital é a resistência por parte da gestão escolar, bem como as questões políticas educacionais e a aversão e descrença dos pais em relação ao desenvolvimento dos discentes expostos a métodos e metodologias de ensino tidas como modernas, já que aqueles estão mais acostumados a uma educação tradicional.

A professora B considera como fator desafiador a falta de recursos tecnológicos, e a professora C cita a ausência de desenvolvimento de estratégias e a falta de internet de rede Wi-fi como dificuldades para que o letramento digital ocorra.

Para superar as dificuldades de acesso às redes de internet e de ferramentas tecnológicas adequadas para a realização de encontros síncronos, pesquisa e estudos é necessário políticas públicas que viabilizem o ensino remoto nas escolas públicas. Com o apoio dessas políticas as operadoras e empresas de provimento à internet, que envolve o letramento digital – disponibilização de PC, celulares e aplicativos podem promover o apoio técnico necessário para que o letramento digital dos alunos das escolas públicas realmente aconteça.

Daniela Costa (2019), reforça que as escolas públicas apresentam um déficit em relação a construção de plataformas on-line de aprendizagem. Até o final do ano passado, 64% das instituições particulares mantinham um ambiente virtual que permitisse atividades de ensino a distância, enquanto nas instituições públicas, essa ferramenta era encontrada em apenas 14% delas. As desigualdades de acesso às tecnologias como ferramenta de educação curricular são maiores sobretudo nas escolas rurais. Segundo a coordenadora, é claro que:

A educação a distância exige um planejamento e uma série de aspectos que devem ser cumpridos para que ela aconteça. Especialmente pensado naquele que vai receber a educação, que é o aluno. Esse é um momento emergencial, está se fazendo o que é possível. As escolas, professores, pais e alunos estão tentando encontrar estratégias para que isso aconteça. Há viabilidade desse ensino acontecer de forma remota. Mas a gente precisa ter atenção às nuances dessas desigualdades entre os alunos para que eles possam fazer uso desses conteúdos e atividades”, cobra. (COSTA, 2019).

Os dados apresentados são essenciais para entendermos que temos que trazer essa temática para uma agenda de discussão mais ativa no Brasil, para que essas crianças não fiquem sem acesso à internet e Educação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao que nos propomos estudar, percebemos que a educação em si é um desafio, e no campo é mais ainda. Sabemos que a falta de apoio do Poder Público, seguido da ausência de políticas públicas, tende a dificultar o processo de ensino aprendizagem nessa área. No contexto do campo, a evasão escolar é alarmante. Gerada pela crise social e econômica, se aprofunda pelas condições precárias.

Nas escolas do campo, as práticas de letramento digital devem estar associadas às práticas sociais, específicas, dos sujeitos que fazem parte desse plano de ensino.

Compreendemos por letramento digital as práticas de leituras e escritas em ambientes digitais. Entretanto, consideramos também que não são os equipamentos digitais, mas o uso que fazemos deles que fará do processo de letramento digital algo positivo, ou negativo. Por isso, acreditamos que práticas de manuseio de equipamentos, uso de aplicativos, programas digitais e suportes off-line para a realização de atividades possam favorecer o desenvolvimento do letramento digital nas escolas do campo.

O questionário designado, em entrevista, às professoras nos mostra que as educadoras têm concepções que se aproximam da ideia de letramento apresentada por Soares. No entanto, apresentam dificuldade de explicitar a concepção de letramento e diferenciá-la da alfabetização, o que pode repercutir na prática pedagógica. Além disso, sabemos que, se as nossas práticas pedagógicas devem ir além da alfabetização, hoje em dia, também devem perpassar a perspectiva do letramento até atingirem o letramento digital. Entretanto, não existe articulação para práticas pedagógicas de letramento digital. Nessa perspectiva, não existe valorização do letramento digital na escola. É necessário a reconfiguração dos atores da comunidade escolar.

As turmas multisseriadas, o desenvolvimento cognitivo individual de cada estudante, a precariedade da estrutura e a ausência de recursos tecnológicos e internet são algumas das dificuldades encontradas nas escolas do campo para desenvolver o letramento das crianças.

Se considerarmos que o processo de letramento digital, em si, é complexo e necessita de tempo de duração para que ocorra e paciência para que sejam demonstrados avanços; é preciso considerarmos também a necessidade de desenvolvimento de estratégias para que o letramento digital aconteça. É preciso enfrentarmos e vencermos a resistência por parte das gestões escolares, bem como as questões políticas educacionais e a aversão e descrença dos pais em relação ao desenvolvimento dos discentes expostos a métodos e metodologias de ensino tidas como modernas, em detrimento de uma educação tradicional.



Por último, mas não menos importante, convém compreendermos as limitações advindas da baixa escolarização dos pais dos alunos, a quem a educação pública, gratuita e de qualidade também já foi negada, mas não normalizamos o evidente descaso e desvalorização com a educação do campo, a qual, com a pandemia, passou a ser duplamente prejudicada, uma vez que o ensino remoto é uma realidade tanto quanto distante e a educação a distância é inexistente, resultando em sobrecarrega aos professores que precisam, muitas vezes, desempenhar inúmeras outras funções durante o processo educativo. Embora compreendamos que algumas dificuldades surgem e são próprias do processo ensino aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Verônica Danieli Lima; GLOTZ, Raquel Elza Oliveira. O letramento digital enquanto instrumento de inclusão social e democratização do conhecimento: desafios atuais. **Paidéia: revista científica de educação à distância**, Santos, v. 2, n.1, p.1-26, jun. 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Da escola rural de emergência à escola de ação comunitária**. 6. ed. São Paulo, SP: Editora Loyola, 2003.

CALDART, Roseli Salete. **Por uma educação do Campo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

COLELLO, Silvia M. Gasparian. **Alfabetização e Letramento: Repensando o Ensino da Língua Escrita**. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur29/silvia.htm> Acesso em: 20/04/2021.

CARVALHO, Gilson Roberto de Abreu; **Bullying e Cyberbullying: ações, programas e projetos de enfrentamento nas escolas públicas de Uberlândia**. UFU-Uberlândia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/12904/1/BullyingCiberbullyingAcoes.pdf>. Acesso em: 11 de julho de 2021.

COSTA, Daniela/RBA – Rede Brasil Atual. **DESIGUALDADES DIGITAIS – Falta de preparo das escolas para educação a distância aumenta desigualdades**. 2019. Disponível em: <http://www.apecoesp.org.br/noticias/noticias-2020/desigualdades-digitais-falta-de-preparo-das-escolas-para-educacao-a-distancia-aumenta-desigualdades/> (adaptado). Acesso em 07 de julho de 2021.

DIAS, Marcelo Cafiero; NOVAIS, Ana Elisa. **Por uma matriz de letramento digital**. Trabalho apresentado ao Grupo de Discussão Propostas Pedagógicas Mediadas por Mídias Digitais, no III Encontro Nacional sobre Hipertexto, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

FERREIRO, E. Alfabetização e cultura escrita [Entrevista concedida à] Denise Pellegrini In: **Nova Escola – A revista do Professor**. São Paulo, abril, maio/2003, p. 27 – 90.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, Ana (1991) In: **Os níveis de aprendizagem**. Pedagogia ao pé da letra, 2013. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/os-niveis-de-aprendizagem/>. Acesso em: 7 de julho de 2021.

FREITAS, L.C. **Ciclos, seriação e avaliação: confronto de lógicas**. São Paulo: Moderna, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008a.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008b.

GLÓRIA, Julianna Silva Glória; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **A alfabetização e sua relação com o uso do computador:** o suporte digital como mais um instrumento de ensino-aprendizagem da escrita. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v.31 n.03, p.339-358 Julho-Setembro, 2015.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática.** 6. ed. São Paulo: Pontes, 1998.

KLEIMAN, A. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola.** 6ª reimpressão. São Paulo, 2003.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber:** manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEITE, S.C. **Escola rural:** urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

LEMGRUBER, Márcio Silveira. Publicado em 2008. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/arquivos/conferencia/documentos/marcio\\_lemgruber.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/conferencia/documentos/marcio_lemgruber.pdf). (adaptado). Acesso em 07 de julho de 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Editora Cortez, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos et Al. **Educação escolar:** políticas, estrutura e organização. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PESCADORES, Cristina M; VALENTINI, Carla B. Inclusão digital em uma escola do campo: Movimentos provocados a partir da implantação de uma política pública no modelo 1:1. **Revista Iberoamericana de Educación** [(2019), vol. 79 núm. 1, pp. 135-154] – OEI/CAEU recibido / recebido.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. Traduzido por Roberta de Moraes Jesus de Souza. **MCB University Press**, v. 9, n. 5, 2001.

RIBEIRO, M. **Movimento Camponês, Trabalho, Educação, Liberdade, autonomia, emancipação como princípios/fins de formação humana.** São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ROJO, Roxane. **Alfabetização e letramento:** Perspectivas Linguísticas. São Paulo, 1998.

SILVA, H. JAMBEIRO, O. LIMA, J. BRANDÃO, M.A. **Inclusão digital e educação para a competência informacional:** uma questão de ética e cidadania. Brasília, DF. 2005.

SILVA, Helena et Al. Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 34, n.1, p. 28-36, jan./abr. 2005.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935>. Acesso em: 11 de julho de 2021.

SOARES, Magda Becker. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 17. ed. São Paulo. Ática, 2002. *E-book*.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Anual da ANPED, Minas Gerais, 2003.

SOARES, M. Perfil Magda Becker Soares. [Entrevista concedida a] Itamar Rigueira Júnior. Diversa - **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**. Belo Horizonte: 2012, número 20, abr. 2013. Disponível em: <https://www.ufmg.br/diversa/20/perfil-magda.html>. Acesso em: 10 jul. 2019.

SOARES, M. **Discurso de Magda Soares** [Maio. 2015]. Belo Horizonte: Ceale-UFMG, institucional, 08 de maio de 2015. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/discursos-de-magda-soares.html>. Acesso em: 13 jul. 2019.

SOARES, M. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo. Contexto, 2016. *Ebook*.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo. Contexto, 2017. *Ebook*.

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo, Cortez, 1995.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, Atlas, 2008.

VALENTE, José Armando. **Letramento digital**: O uso das novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

XAVIER, Antônio C.S. **O Hipertexto na sociedade da informação**: a constituição do modo de enunciação digital. Tese de Doutorado, Unicamp. 2002.